

cotidiano

Racismo contra as crianças prejudica saúde física e mental

Violência vivida na infância provoca estresse tóxico, associado a perdas cerebrais e doenças crônicas

Stefhanie Piovezan

SÃO PAULO O racismo vivenciado na infância, como o episódio do último sábado (30) com os filhos de Giovanna Ewbank e Bruno Gagliasso, pode afetar o desenvolvimento das crianças e causar consequências na idade adulta, apontam especialistas.

Pesquisas compiladas pelo Centro de Desenvolvimento Infantil da Universidade Harvard (EUA) mostram que a ativação dos sistemas de resposta ao estresse por longos períodos pode afetar o desenvolvimento cerebral das crianças, com efeitos no aprendizado, comportamento e na saúde física e mental.

"Temos três níveis de estresse: aquele relacionado à sobrevivência, de fugir diante de uma ameaça; o estresse provocado por algo passageiro, como uma dor forte; e o estresse tóxico, que é aquele constante, por muito tempo", detalha o médico José Luiz Eglydio Setúbal. O racismo causa exatamente esse estresse tóxico, quando o cérebro mantém ativado por muito tempo o mecanismo de resposta, gerando uma tensão constante.

"A criança recebe uma carga de adrenalina e de cortisol [ao sofrer uma violência] que, se for intensa ou prolongada, provoca problemas estruturais. O cérebro começa a transmitir menos impulsos, como se fosse atrofiando as suas conexões, levando a um prejuízo cognitivo, social e físico", alerta a médica Ana Márcia Guimarães, membro do Departamento Científico de Desenvolvimento e Comportamento da SBP (Sociedade Brasileira de Pediatria).

A médica acrescenta que o estresse tóxico também pode prejudicar o processo da poda neuronal no início da adolescência, quando o cérebro perde parte de suas conexões, e levar a problemas como ansiedade e depressão. "Crianças expostas ao estresse crônico estão mais sujeitas à obesidade, ao desenvolvimento de doenças cardiovasculares e ao câncer", diz.

De acordo com a AAP (Academia Americana de Pediatria), o processo biológico desencadeado pelo estresse crônico leva a reações inflamatórias que pre-

dispõem os indivíduos a doenças crônicas.

Além disso, pesquisas reunidas pela entidade em um documento emitido em 2019 mostram que eventos abusivos destroem a autoestima da vítima e podem ocasionar a internalização das críticas, minando a autopercepção e reduzindo o desempenho acadêmico e profissional.

"O grande diferencial [do racismo], o que faz dele tão cruel, é o fato de ser sentido já na primeira infância. Entre os oito meses e os três anos de idade, as crianças começam a perceber as diferenças físicas. Elas conseguem identificar que as cores, traços, formato dos corpos e cabelos são diferentes, mas não é só isso. Elas começam a perceber que existe uma hierarquia entre as diferenças e que seus traços e características são inferiores", afirma Maira Souza, oficial de Primeira Infância do Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Infância).

Para ela, ser alvo ou apresentar casos de racismo causa uma série de efeitos nas cri-

anças. "Significa se perceber como uma pessoa negra em uma sociedade em que isso é negativo, o que impacta a autoconfiança, a forma como a criança interage nas brincadeiras e até o seu imaginário", afirma Souza.

Nessa sociedade em que ser negro ou indígena é negativo, as crianças tentam se adequar a um ideal que é inatingível, analisa a professora Paula Gonzaga, do Departamento de Psicologia da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais). "Todo tempo é imposto que crianças negras deveriam ser brancas para serem tratadas como crianças porque não são respeitadas em sua infância, nas suas possibilidades de desenvolvimento. Essa impossibilidade de existir com respeito e com dignidade nas nossas próprias peles produz mal-estar e é muito importante lembrar que esse não é um mal-estar natural do indivíduo, mas um processo de adoecimento produzido na nossa sociedade, nas invalidações sobre certos sujeitos", destaca.

A professora de educação das relações étnico-raciais da UFRPE (Universidade Federal Rural de Pernambuco) Rebeca Oliveira Duarte recomenda que pais e professores estabeleçam com as crianças um pacto de convivência que deixe claro o que não deve ser feito e ofereçam apoio para que saibam que não estão sozinhas. "O ataque racista é muito destruidor. Não adianta somente falar para a pessoa 'deixar para lá'. Não tem como só 'deixar para lá'. A criança precisa saber que esse apoio está no pai e na mãe, no corpo docente e na direção. A escola precisa comunicar os adultos e os adultos devem resolver", afirma.

Se nada for feito e a violência continuar, a professora afirma que o caso deve ser denunciado ao Ministério Público e ao conselho de educação.

Guimarães aponta que os pediatras também precisam estar aptos a identificar precocemente o racismo e lista alguns dos sinais de que a criança pode ser vítima de violência: atraso na fala, isolamento, irritabilidade, regressão no desenvolvimento, além de problemas com sono, alimentação, ganho de peso e estatura. Os pais podem prestar atenção a esses indícios e a dificuldades e atrasos na escola, afirma a médica.

Validar os relatos das crianças e seus pais também é fundamental, lembra a professora Gonzaga.

"A reprodução da violência constrói uma ideia de que não há nada a ser feito e isso é violento novamente. Quando crianças e pais vão denunciar as ocorrências e ouvem 'não é bem isso', é construída uma ideia de que a queixa não é legítima e a voz dessa pessoa passa a ser silenciada pelo silenciamento da sua leitura sobre o que ocorreu", afirma.



Círculo Militar de São Paulo

Fundação 29.nov.1947
Ano da instalação no terreno 1957
Total da área 31.005,20 m²
Área verde 2.660 m²
Número de associados 15.519
Valor do título R\$ 10 mil (individual) e R\$ 20 mil (familiar)
Arrecadação por atividades (2020) R\$ 10 milhões
Arrecadação por mensalidade (2020) R\$ 24 milhões

Condenado a devolver sede, Círculo Militar tem 86,5% civis entre os sócios

Isabella Menon

SÃO PAULO O Círculo Militar de São Paulo foi condenado pela Justiça a devolver a área que ocupa, ao lado do parque Ibirapuera, em uma das regiões mais nobres da cidade de São Paulo, na qual o metro quadrado pode custar até R\$ 24 mil. Apesar do nome, a maioria (86,5%) dos 15.519 associados da instituição é civil e apenas uma pequena parcela é de militares (13,5%). Dos mais de 31 mil m² que o clube ocupa, pouco mais de 2.000 m² são de área verde.

A maioria dos frequentadores (21,2%) tem entre 41 e 50 anos e é associado entre 11 e 20 anos. As principais profissões são engenheiro, advogado e médico. O público é formado por pessoas de classes A e B que residem em bairros como Paraíso, Ibirapuera, Jardins, Perdizes e Sumaré, que correspondem a 20%.

O local surgiu em 1947, no auditório da Biblioteca Municipal, quando mais de 300 militares se uniram para fundar uma associação para oficiais das Forças Armadas e "civis conceituados". Dez anos depois, o clube se firmou no terreno cedido pela Prefeitura de São Paulo.

Um título individual para se associar custa R\$ 10 mil e o familiar, R\$ 20 mil. Além disso, os associados também pagam mensalidades que variam de acordo com a idade e a categoria (civil ou militar) e as atividades oferecidas.

De acordo com o último balanço disponibilizado pela associação por meio do site, de 2020, a receita anual de atividades esportivas, culturais e sociais, locação de dependências, operações com títulos e eventos foi de R\$ 10 milhões, além de R\$ 24 milhões das mensalidades.

Nas redes sociais da instituição, atividades como coral, oficinas de arte e eventos como feijoada com samba são destacados. No site, são descritas várias atividades esportivas, como bocha, judô e balé.

Estipulada pelo juiz Kenichi Koyama, da 15ª Vara da Fazenda Pública, no âmbito de uma ação civil pública ajuizada em 2019 pelo Ministério Público, a decisão condena o clube a devolver em 90 dias a área pública. O magistrado determinou ainda uma indenização retroativa de R\$ 1 milhão por mês contada a partir de maio de 2012.

A concessão do espaço dada pela prefeitura em 1957 foi prorrogada diversas vezes nas últimas décadas. Na recente condenação, a Promotoria considera que a autorização da gestão municipal para a permanência da associação no local não foi pautada no interesse público e social.

Além disso, a decisão considera que a permissão sem licitação concedida em 2012, na gestão de Gilberto Kassab (PSD), beneficiou diretamente apenas a entidade privada e os sócios do clube, com algumas exceções que não justificariam o valor do patrimônio recebido. O juiz também afirma que as contrapartidas firmadas pela prefeitura e o clube não fazem jus ao tamanho da área ocupada.

Em uma postagem, o Círculo Militar afirma que "a decisão proferida não é definitiva e portanto passível de recurso". Além disso, explica aos associados que foram apresentados os embargos de declaração que visam o esclarecimento da sentença.

O advogado do clube, Marcelo Sartori, disse à reportagem que não vê o caso com tanta preocupação até o momento exatamente porque ainda cabe recurso da decisão. "Não vejo o despejo acontecendo no prazo que o juiz deu", afirma o advogado.

Para Bianca Tavolari, professora do Insper e pesquisadora do Cebrap (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento), a decisão é um exemplo "de controle do patrimônio público que vem às vésperas da eleição por causa de demora judicial". Ela relembra ainda que já existiram outros casos semelhantes. Na própria decisão judicial, é citado como exemplo o Memorial da Democracia, do Instituto Lula.

A gestão Kassab concedeu um espaço na Santa Ifigênia (no centro) por 99 anos para a instalação do museu. Porém, os promotores entraram com uma ação afirmando que não havia interesse público no caso e a medida acabou barrada na Justiça em 2018.



Vista aérea do Clube Círculo Militar de São Paulo. Eduardo Knapp/Folhapress

MORTES

Advogada e ex-atriz mirim, adorava viagens e culinária

VICTORIA NISENCWAJG SCHWARTSMAN (1941-2022)

Uirá Machado

SÃO PAULO Victoria Nisencwajg Schwartsmann podia parecer onipotente: carregava a família nas costas como se não fizesse esforço.

Às vezes, parecia onipotente: desdobrava-se para cuidar de todo mundo, e todo mundo sabia que podia contar com ela. E, às vezes, parecia onisciente. Há quase 50 anos, quando viajaram para a Europa, fez questão de encher uma mala com sopinhas

coluna.obituario@grupofolha.com.br

Nestlé, o único alimento palatável para o caçula André, então com três anos.

Foram em vão os protestos de Marcos, seu marido. Ele insistia que o produto poderia ser comprado em lojas europeias, mas Victoria não deu bola.

Quando chegaram ao destino, quiseram tirar a prova; compraram a sopinha por lá e... Bingo! O gosto era outro, e André só comeu os itens levados graças à providência de Victoria.

Viajar sempre foi uma de suas paixões. Rodou os quatro cantos do mundo com Marcos e, depois que ele morreu, em 2013, teve a companhia da filha mais velha, Annette.

Nos últimos anos, como o avanço da idade tornou os aviões um meio de locomoção mais complicado, passaram a se deslocar de navio.

Victoria sabia do que gostava e mergulhava de cabeça em seus prazeres. O cinema era um deles. "Ela era rita da Mostra de Cinema", afirma Annette. "Via cinema ou seis filmes por dia. Fez isso desde a primeira edição até o começo da pandemia."

Victoria até teve oportunidade de trabalhar do outro lado da tela: na infân-

cia, foi atriz mirim no "Sítio do Pica-Pau Amarelo", mas a carreira não deslanchou.

Sua veia cultural era forte, pois se aventurou como bailarina até a juventude e, depois de adulta, abraçou a culinária.

"Cozinhava super bem", conta Annette. Não só cozinhava: fazia comida, enchia o freezer dos filhos, organizava asceitadas num livro, copiava as páginas e as distribuía para a prós guardiar.

Sua influência também alcançava as questões de fé. "Todos os filhos puxaram dela um atelismo ferrenho. Cínefilos e ateus", afirma a primogênita.

O filho do meio, o colunista Hélio Schwartsmann, já se

descreveu na Folha como judeu relapso que não entrou em uma sinagoga mais que meia dúzia de vezes.

Apesar das inclinações artísticas, Victoria se formou Victoria Nisencwajg Schwartsmann ou em direito e se engajou na área trabalhista, assim como Marcos.

Quando se conheceram, ele tinha viagem marcada para a Europa. Preocupado com o romance, perguntou se ela o esperaria. Victoria disse que não, e Marcos can-

celou os compromissos. Casaram-se em 1960 e viveram juntos por 53 anos.

Com a saúde se debilitando desde que o marido morreu e sofrendo com Parkinson, Victoria teve uma parada cardíaca e morreu no dia 1º, aos 80 anos. Deixa três filhos e cinco netos.

LUIZ CARLOS CAMASIE GABRIEL Aos 67, casado com Maria Clara Nardy Gabriel. Terça (2/8). Carmário Gethselmani, Vila Sônia, São Paulo (SP)

Procure o Serviço Funerário Municipal de São Paulo: tel. (11) 3396-3800 e central 156; prefeitura.sp.gov.br/servicofunerario.

Anúncio pago na Folha: tel. (11) 3224-4000. Seg. a sex.: 10h às 20h. Sáb. e dom.: 12h às 17h.

Anúncio gratuito na seção: folha.com/mortes até às 18h para publicação no dia seguinte (9h de sexta para publicação aos domingos) ou pelo telefone (11) 3224-3305 das 16h às 18h em dias úteis. Informe um número de telefone para chegarem das informações.